

ENERGIA ELÉTRICA

Novo marco deve tornar o sistema mais competitivo

O desempenho do setor elétrico nos últimos três anos foi marcado por sucessivas crises que começaram em 2012, quando o governo reduziu as tarifas em 20% sem levar em conta os custos da medida. Desde 2014, o regime de chuvas desfavorável demandou o acionamento frequente de termelétricas, elevando os custos de produção. A crise foi atenuada pela recessão econômica, que provocou queda no consumo de eletricidade.

Com a escassez de água, os geradores hidrelétricos ficaram expostos a altos preços de mercado, o que levou suas dívidas a superarem R\$ 30 bilhões. Mais de 200 ações judiciais paralisaram o mercado livre. O problema foi resolvido em parte com a edição de uma lei para “reapetua-

ção do risco hidrológico”. Com a entrada do novo governo, o intervencionismo foi substituído pelo diálogo, na avaliação de especialistas.

“Se uma palavra marcou o desempenho do setor em 2016, esta palavra é esperança”, afirma o presidente da Associação Brasileira de Grandes Consumidores Industriais de Energia e de Consumidores Livres (Abrace), Edvaldo Santana. “A proposta de reorganização do setor elétrico, recentemente colocada em consulta pública, aponta para a direção correta, uma vez que foi fundamentada na racionalidade econômica.”

Para o presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales, a crise se deve à arquitetura híbrida de mercados adotada no Brasil, de operação centralizada e co-

mercialização descentralizada. Sua organização recomenda quatro ações para o futuro: pacificar as questões judicializadas; estudar um modelo alternativo com regras claras de transição; delimitar atribuições e responsabilidades dos agentes; e adotar o tripé “previsibilidade, transparência e replicabilidade”.

Marcelo Britto, analista-chefe do Citi para empresas de energia elétrica na América Latina, julga que um novo marco regulatório deve ajudar o Brasil a se adaptar à revolução energética global, na qual cresce o papel da geração distribuída a partir de fontes renováveis. “As medidas tornarão o sistema mais competitivo, e a tendência de longo prazo é ter um melhor ambiente econômico, que pode levar a tarifas menores.”

DESEMPENHO DO SETOR E DAS 1000 MAIORES

■ Energia Elétrica
 ■ Empresas do ranking das 1000

Crescimento sustentável (em pontos)*



Liquidez corrente (em pontos)



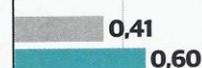
Receita líquida média (em R\$ milhões)



Rentabilidade patrimonial (em %)



Giro do ativo (em pontos)



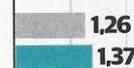
Margem Ebitda (em %)



Margem da atividade (em %)



Cobertura de juros (em pontos)



Fonte: anuário Valor 1000 (edição 2017). Elaboração: Valor Data. * Classificação em crescimento sustentável: quanto mais perto de 1, melhor

O desempenho do setor elétrico nos últimos três anos foi marcado por sucessivas crises que começaram em 2012, quando o governo reduziu as tarifas em 20% sem levar em conta os custos da medida. Desde 2014, o regime de chuvas desfavorável demandou o acionamento frequente de termelétricas, elevando os custos de produção. A crise foi atenuada pela recessão econômica, que provocou queda no consumo de eletricidade.

Com a escassez de água, os geradores hidrelétricos ficaram expostos a altos preços de mercado, o que levou suas dívidas a superarem R\$ 30 bilhões. Mais de 200 ações judiciais paralisaram o mercado livre. O problema foi resolvido em parte com a edição de uma lei para "repactuação do risco hidrológico". Com a entrada do novo governo, o intervencionismo foi substituído pelo diálogo, na avaliação de especialistas.

"Se uma palavra marcou o desempenho do setor em 2016, esta palavra é esperança", afirma o presidente da Associação Brasileira de Grandes Consumidores Industriais de Energia e de Consumidores Livres (Abrace), Edvaldo Santana. "A proposta de reorganização do setor elétrico, recentemente colocada em consulta pública, aponta para a direção correta, uma vez que foi fundamentada na racionalidade econômica."

Para o presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales, a crise se deve à arquitetura híbrida de mercados adotada no Brasil, de operação centralizada e comercialização descentralizada. Sua organização recomenda quatro ações para o futuro: pacificar as questões judicializadas; estudar um modelo alternativo com regras claras de transição; delimitar atribuições e responsabilidades dos agentes; e adotar o tripé "previsibilidade, transparência e replicabilidade".

Marcelo Britto, analista-chefe do Citi para empresas de energia elétrica na América Latina, julga que um novo marco regulatório deve ajudar o Brasil a se adaptar à revolução energética global, na qual cresce o papel da geração distribuída a partir de fontes renováveis. "As medidas tornarão o sistema mais competitivo, e a tendência de longo prazo é ter um melhor ambiente econômico, que pode levar a tarifas menores."